

# MENOS PRECONCEITO É MAIS SAÚDE: conexão entre a ciência e o cotidiano.

Desejamos que este boletim seja o seu encontro bimestral com a Ciência, através da Divulgação Científica (DC) de temas de saúde da população LGBTQIAPN+. A DC visa popularizar o conhecimento científico, divulgando estudos e pesquisas para que os leitores possam conhecer e entender as implicações de seus resultados, tanto no contexto pessoal quanto no ambiente social.

Boa leitura a todos, todas e todes!



**Caro leitor,**

No Dia Nacional de Luta contra a Aids, celebrado em 1º de dezembro, convidamos você a refletir sobre a interface entre HIV/Aids e a comunidade LGBTQIAPN+. Ao longo das décadas, essa conexão tem sido marcada por desafios, mas também por lutas e conquistas que transformaram o cuidado e a prevenção. Ainda que estigmas persistam, avanços como a PrEP, a PEP e o fortalecimento de políticas públicas nos lembram que o enfrentamento ao HIV vai além da ciência – é uma luta por direitos, equidade e respeito. Que este Boletim inspire um olhar sensível, livre de preconceitos, e reforce o compromisso de todos nós em construir uma sociedade em que saúde e dignidade sejam acessíveis a todos os corpos, orientações e identidades. Boa leitura e boa luta!



## VAMOS LER E REFLETIR

Nosso colaborador Bruno Reis de Oliveira aborda, nesta seção, o tema do HIV/Aids, a partir de produções científicas que exploram a sua interface com o contexto da população LGBTQIAPN+.

### **HIV/Aids e população LGBT+**

O encontro das expressões “HIV/Aids” e “população LGBT+” – dentro desta última, principalmente o recorte “população gay” – está historicamente cercado por estigmas, preconceitos e fatores de efetiva vulnerabilidade.

No campo dos cuidados em saúde e de vigilância epidemiológica, Calazans, Pinheiro e Ayres (2018) chamam a atenção para que, após o sucesso comemorado durante os anos 2000 da resposta do sistema de saúde brasileiro à epidemia de HIV/Aids, a partir dos anos 2010 o número de casos voltou a subir na população geral, com destaque para o aumento entre gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), além de usuários de drogas injetáveis e mulheres profissionais do sexo. A partir desse diagnóstico, os autores analisam as políticas de prevenção do HIV/Aids direcionadas a gays e HSH no país que, segundo seu estudo, baseiam-se em três perspectivas sobre tais políticas – a epidemiológica, a da responsabilidade preventiva e a baseada em direitos humanos e vulnerabilidade –, cuja relação de disputa, negação ou hegemonia ao longo do tempo explica, em parte, os desafios e barreiras enfrentados nessa prevenção entre o público em tela.

O estudo revela que, embora tenha havido avanços no reconhecimento da vulnerabilidade desses grupos, as políticas de prevenção enfrentam desafios, como a frágil formalização e o limitado alcance das ações. Além disso, há uma falta de diálogo contínuo entre o governo e a sociedade civil para aprimorar essas políticas de forma eficaz. O artigo destaca a necessidade de uma abordagem preventiva que inclua direitos humanos e promova um cuidado público mais abrangente, ouvindo as necessidades dos grupos afetados.

Além dos fatores de vulnerabilidade, é importante reconhecer o estigma e o preconceito nesse contexto e como eles se reforçam na sociedade. A pesquisa de Carvalho e Azevêdo (2019) busca compreender um pouco esse processo, ao analisar a evolução histórica da resposta à epidemia de HIV/Aids no Brasil, com foco no movimento LGBTI e na cobertura jornalística.

Os autores discutem a relação complexa entre o surgimento do HIV na década de 1980 e o desenvolvimento dos primeiros passos do movimento LGBTI, apontando tanto para a sua maior visibilidade quanto para a perpetuação de preconceitos sociais, especialmente a homofobia.

O texto explora o impacto das políticas de prevenção, como o uso do AZT nos primeiros tratamentos, e a introdução mais recente de medidas preventivas como a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) e a PEP (Profilaxia Pós-Exposição). Além disso, o artigo aborda os desafios enfrentados por esses movimentos, que tiveram que lidar com a desinformação e o preconceito disseminados por setores conservadores da mídia e da sociedade. Por fim, há uma reflexão sobre como a luta contra o HIV/Aids ajudou a fortalecer o movimento LGBTI no Brasil – e, ainda assim, permaneceram as tensões entre avanços científicos e as atitudes conservadoras e discriminatórias – destacando-se a importância do combate contínuo ao estigma e da promoção de políticas públicas inclusivas e eficazes para a saúde sexual da população LGBTI.

## ENTRE VIDAS, ENTRE VISTAS



Nossa colaboradora Cláudia Nicácio, pesquisadora e professora da Escola de Governo Prof. Paulo Neves de Carvalho (EG) da Fundação João Pinheiro (FJP), conversou com Raul Nunes, criador da plataforma de podcast Preto Positivo.

**Boa tarde, Raul. Muito bom ter você aqui com a gente! Você poderia se apresentar?**

Boa tarde! É um prazer estar aqui. Sou Raul Nunes, 33 anos, mineiro de Nova Lima e criador do Preto Positivo, uma plataforma de podcast dedicado a informar e empoderar pessoas que vivem e convivem com o HIV. Meu trabalho foca em transformar a forma como falamos sobre HIV e sexualidade, trazendo temas relevantes para a comunidade negra e LGBTQIA+, sem tabus e com muita empatia. Também atuo como produtor, diretor criativo e assessor da Conselheira Alcielle dos Santos no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável da Presidência da República Federativa do Brasil.

## **Quais são as principais formas de transmissão do HIV/AIDS?**

O HIV é transmitido principalmente pelo contato com fluidos corporais como sangue, sêmen, secreções vaginais e leite materno. As vias mais comuns de transmissão são a relação sexual desprotegida, o compartilhamento de seringas ou agulhas contaminadas, e da mãe para o bebê durante a gravidez, parto ou amamentação, caso não esteja em tratamento.

## **Quais são os mitos comuns sobre a transmissão do HIV/AIDS?**

Existem muitos mitos por aí! Um dos mais comuns é achar que o HIV se transmite por contato casual, como apertos de mão, abraços, uso compartilhado de toalhas, talheres ou até beijos. Outro mito é que só grupos específicos podem contrair o HIV, o que é uma visão completamente ultrapassada e perigosa. A informação correta é essencial para combater esses mitos e reduzir o preconceito.

## **Houve um aumento dos casos de HIV/AIDS a partir de 2010. Quais são as principais causas desse aumento?**

Uma das causas principais é a ausência de práticas de prevenção, especialmente entre os mais jovens, que podem não ter vivido os tempos de maior alerta sobre o HIV. A falta de educação sexual inclusiva e acessível também contribui, assim como o estigma. Muita gente ainda tem receio de se testar, buscar informações ou se atualizar sobre novos métodos de prevenção e isso pode atrasar o diagnóstico e a prevenção.

## **Na sua visão, quais são os caminhos para a prevenção do HIV/AIDS?**

Prevenção começa com informação e acolhimento! Educar e falar abertamente sobre sexualidade, consentimento, e autocuidado é essencial. Métodos como o uso de preservativos, a PrEP (profilaxia pré-exposição), e o incentivo à testagem são super importantes. Precisamos normalizar o diálogo e combater o preconceito para que as pessoas se sintam seguras para se informar e se prevenir.

## **Quais são os principais estigmas em relação às pessoas com HIV/AIDS?**

Ainda há muitos estigmas em torno do HIV, como a ideia errada de que quem vive com o vírus é “irresponsável”, “perigoso” ou até mesmo “promíscuo”. Outro estigma é o medo de convivência com pessoas que vivem com HIV, como se fossem um risco ambulante. E também há estigmas de natureza moral, que associam o HIV à “falta de caráter”, o que é desumano e prejudica a luta contra o vírus.

## **Quais são os métodos de prevenção, testagem e tratamento do HIV/AIDS oferecidos pelo SUS?**

O SUS oferece uma estrutura completa para a prevenção e tratamento do HIV e a AIDS. Temos acesso gratuito a preservativos, lubrificantes, à PrEP (profilaxia pré-exposição) e à PEP (profilaxia pós-exposição). Para a testagem, o SUS disponibiliza testes rápidos em muitas unidades de saúde. E para o tratamento, temos a terapia antirretroviral (TARV), que permite às pessoas viverem com o HIV de maneira saudável e reduzirem a carga viral ao ponto de não transmitirem o vírus – fora o acesso a outros médicos e terapeutas para realizar um tratamento completo e preventivo.

### **Mande uma mensagem para as pessoas que vivem com o HIV/AIDS.**

Para todos vocês que vivem com o HIV, saibam que não estão sozinhos! Existem muitas pessoas, projetos e comunidades prontas para apoiar e compartilhar essa jornada. Viver com o HIV não define quem você é; é apenas uma parte da sua história, uma informação. E hoje, com os avanços da ciência e com o tratamento adequado, é possível viver com saúde, qualidade de vida e muito amor próprio. Estejam sempre rodeados de pessoas que respeitem e valorizem vocês, e nunca deixem de buscar seus sonhos.



## FIQUE POR DENTRO

É com grande alegria que anunciamos: o Instagram do projeto Menos Preconceito é Mais Saúde já está no ar! 🎉 Agora, você pode acompanhar de perto nossa missão de promover a saúde da população LGBTQIAPN+ por meio da divulgação científica. Nosso objetivo é claro: levar informações qualificadas que reduzam preconceitos e contribuam para a melhoria da qualidade de vida de quem enfrenta barreiras no acesso aos serviços de saúde.

Lá, você encontrará conteúdos exclusivos, novidades, dicas, e muito mais! Queremos estar ainda mais próximos de você, criando um espaço de aprendizado, troca de experiências e luta contra o preconceito.

💻 Siga-nos e faça parte dessa rede que luta por equidade, inclusão e respeito! A informação é o primeiro passo para transformar realidades. Estamos ansiosos para construir essa jornada juntos! 🌈



### Ficha Técnica:

Produção de conteúdo e redação: Bruno Reis de Oliveira (ESP/MG), Carlos Antonio Mesquita Neto (UFOP), Cláudia Beatriz Machado Monteiro de Lima Nicácio (FJP/MG), Maria José Nogueira (ESP/MG) e Valéria Carla Faria Amaral (Bolsista Fapemig).

Revisão: Bruno Reis de Oliveira (ESP-MG)



*Este boletim é uma realização do projeto "Menos Preconceito, é mais saúde: divulgação científica da população LGBT", financiado com recursos da FAPEMIG .*